

A terra ainda trata Camilo por tu

O director da Casa de Camilo Castelo Branco, em S. Miguel de Ceide, José Manuel Oliveira, não tem dúvidas: esta é a mais antiga e genuína casa-museu de Portugal. Nela viveu Camilo com a sua família. Aqui escreveu, aqui se matou

Casas-museu (3)

Camilo Castelo Branco continua a ser o rapaz da terra, S. Miguel de Ceide, Famalicão. Chegar é compreender que “o” Camilo, como amavelmente lhe chamam, é o rosto, a expressão, a história oral da sua gente: de Ceide a Landim, do Monte Córdova de Santo Tirso a Prazins, os romances estão vivos para lá dos muros desta casa, tal como o seu - pessoal, atribulado, trágico - está também impregnado na casa-museu.

Aqui não nasceu (mas em Lisboa, 1825). Aqui não cresceu, órfão de mãe aos dois anos e de pai aos dez, viveu por Trás-os-Montes entre padres que lhe deram instrução: “A experiência de uma fuga,

de muitas jornadas pelas regiões mais sertanejas de Trás-os-Montes, de várias viagens (por vezes acidentadas) a Lisboa, de caça montês, de amores bravios, o conhecimento íntimo da gente serrana obtido na companhia de padres e de um cunhado médico - tudo isso se filtra na sua obra”, escrevem Óscar Lopes e António José Saraiva na *História da Literatura Portuguesa*.

Por aqui também não estudou: nunca chegou a concluir Medicina nem no Porto nem em Coimbra, por onde passou, entre 1843-46. Mas a Ceide veio parar porque se apaixonou por uma mulher casada, Ana Plácido, que abandonou o marido para se juntar ao escritor.

A casa foi construída por Pinheiro Alves em 1830, quando regressou com fortuna do Brasil. O “brasileiro” (como era conhecido) casou em 1850 com Ana Plácido, mas cedo se soube da relação extraconjugal desta com Camilo. Fugiram, adúlteros, perseguidos de terra em terra pela

justiça, depois capturados e presos, na Cadeia da Relação, no Porto. Foram julgados por adultério, mas absolvidos em 1861 (o juiz era o pai de Eça de Queirós).

Foi na cela da prisão que Castelo Branco famosamente escreveu *Amor de Perdição* (1862). Pinheiro Alves morreu em 1863 e, nesse mesmo Inverno, Camilo, Ana Plácido e o seu filho, Manuel, mudaram-se para Ceide. Nesta casa, herdada pelo filho de Ana Plácido, permaneceram até ao fim.

“Até 1863, Camilo escreve livros. A partir de então, muda-se para aqui e a vida confunde-se com a ficção”, diz o director da Casa de Camilo, José Manuel Oliveira. Não tem dúvidas em afirmar que esta é a verdadeira casa-museu em Portugal, não só porque é a mais antiga, mas devido à sua simbologia: “É o símbolo de quem se inspirou na paisagem física e humana da região e de quem fez da vida, arte. De quem sofreu para escrever sofrimento. Mas também é

símbolo raro de um trabalho contínuo da autarquia [de Famalicão] de preservação e divulgação da vida e da obra de Camilo”, disse.

Após um grande incêndio em 1915, a casa foi reconstruída, mas alterada, porque no rés-do-chão se instalou a Escola Primária de Ceide. Só em 1956 a casa-museu foi inaugurada, já sem a escola, obedecendo à traça original do edifício.

Do outro lado da estrada, o Centro de Estudos Camilianos, que existia desde 1988, abriu com novo edifício, da autoria de Siza Vieira, em 2005, que permitiu concentrar num espaço museológico o vasto património camiliano: bibliografia, documentação manuscrita, iconografia e artes plásticas dedicadas à obra do escritor.

Cronista do seu tempo

Não será exagerado afirmar que, na literatura portuguesa do século XIX, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós disputam o pódio, taco a

taco. Não que fossem rivais em vida (e em letras), mas, tal como hoje se pergunta ao leitor se prefere Saragamo ou Lobo Antunes, o mesmo se poderá dizer dos dois ícones do século XIX.

Camilo, 20 anos mais velho do que Eça, domina a segunda geração do Romantismo, já na transição para o Realismo, de que Eça seria expoente. Ambos muito populares no seu tempo, parecem viver tão perto e, no entanto, vidas tão distintas: Eça, nascido no Minho, estudou em Coimbra, foi diplomata e viajou por todo o mundo; Camilo, arruinado, estroina, desvairado, “nunca saiu deste triângulo entre o Minho, Lamego e Lisboa”, explica José Manuel Oliveira.

“Diz-se que o Eça é universal e que o Camilo é regionalista”, explica o director da casa-museu, “mas se acha que a obra do Camilo está circunscrita a uma região, ou é datada, desengane-se”. Camilo é “um cronista do seu tempo”. Traça o retrato





NELSON GARRIDO

preciso “das pessoas, da maneira de viver, de agir, de falar”. “Há um lado da paisagem física e humana que ele transpôs na literatura. E muito do viver e do linguajar campesino. Quando o lemos, conseguimos ouvir tudo isso.” Nesta região “vivem” ainda, entre outras obras, *Maria Moisés* (rapariga da terra, ainda que o romance se passe em Ribeira de Pena), *A Brasileira de Prazins*, *A Bruxa do Monte Córdova*.

Este é um lugar de escrita e de vivência de Camilo. Daí ter-se transformado “num centro de investigação”, criando “condições para que os investigadores” pudessem vir, mantendo a memória do escritor através do estudo da sua vastíssima obra: 64 mil páginas, 130 resmas de papel, centenas de obras publicadas (poesia, folhetos, polémicas, romances, novelas, jornalismo, contos e epistolografia).

“A sua obra traz até nós o palpitar humano das províncias nortenhas no seu tempo, com uma vida que

“

Até 1863 Camilo escreve livros. Depois muda-se para aqui e a vida confunde-se com a ficção

”

José Manuel Oliveira
Director da Casa de Camilo, S. Miguel de Ceide

nenhum outro ficcionista voltou a captar. É o nosso grande mestre da narrativa densa, rápida, de objectividade inteiramente persuasiva, nas melhores páginas que escreveu”, dizem Lopes e Saraiva.

Vida como romance

Subimos as escadas para o escritório, como o cego de Ladim o fizera nas *Novelas do Minho* (1875-77): “Foi há treze anos, em uma tarde calma de Agosto, neste mesmo escritório, e naquele canapé que o cego de Landim esteve sentado (...) Em S. Miguel de Ceide, uma visita, que se fizesse preceder do seu cartão, era a primeira. Quem é? - perguntei ao criado. É o cego de Landim. E esse cego quem é? O interrogado, para me esclarecer superbundantemente, respondeu que era o Cego, como se se tratasse de um cego por excelência e de histórica publicidade: Tobias, Homero, Milton, etc. Mande que o conduzissem ao meu escritório. Ouvi passos que subiam

rápidos e seguros uns doze degraus; e, no patamar da escada, esta pergunta muito sacudida: à esquerda ou à direita?”

Viramos, então, à esquerda. Talvez o escritório não estivesse tão arrumado como agora. “Teria papéis por todo o lado”, conta José Manuel Oliveira. E aqui estão 700 livros, na altura eram quatro mil. “Obrigado a viver do que escreve, Camilo passa a última fase da sua vida num crescendo de tragédias: afligem-no as dificuldades de dinheiro (em 1883 a sua biblioteca é leiloadada) e o avanço implacável da cegueira” (Lopes e Saraiva). A maior parte dos livros estão anotados, com *marginália*: “São anotações cáusticas, de bisturi camiliano - comentários, piadas, críticas, correcções históricas, jogos de palavras. Não se inibe de fazer os comentários mais críticos”, conta o director.

A secretária grande tinha duas frentes: de um lado, sentava-se Ana Plácido, que também escreveu (*Herança de Lágrimas* e *Luz Coada por Ferros*), mas que, segundo José Manuel Oliveira, “teve a infelicidade de viver à sombra do Camilo e de a sombra dele ser enorme”. A escritora era sua colaboradora, auxiliava-o nas traduções (era fluente em francês e inglês), e, aquando da avançada cegueira do escritor, também trabalhava no cotejamento dos textos. “Aqui, dentro de casa, ela era a enfermeira da família, física e moralmente.”

Do outro lado da mesa, um banco alto. Camilo era “relativamente baixo e escrevia de pé”. Descreve as suas noites de insónias, à luz da escrita: “Venho então sentar-me a esta banca, dou formas dramáticas ao diálogo dos meus fantasmas, e convengo-me de que pertenço bem aos vivos, ao meu século, ao balcão social, à indústria, mandando vender a Ernesto Chardron as minhas insónias.” (1875)

Muito do mobiliário é da época, ainda que só o relógio seja o único elemento que se mantém desde o tempo do escritor. É descrito em *Eusébio Macário* (1879) com uma precisão tal que se lê como uma paródia aos códigos do Realismo: “Por debaixo da triplicada cornija do mostrador havia uma medalha com uma dama cor de laranja, vestida de vermelhão, decotada, com uma romeira e uma pescocreira crassa e grossa de vaca barrosã, pentada à Pompadour, com uma réstia de pedras brancas a enastrar-lhe as tranças. Cada olho era maior que a boca, dum vermelho de ginja. Ela tinha a mão esquerda escorrida no regaço, com os dedos engelhados e aduncos como o pé de um perua morta.”

Passou a vida a escrever. “A vista gastou-o”, diz José Manuel Oliveira. “Podemos imaginá-lo a escrever, molhar a pena, como uma agulha, que só dava para três ou quatro pa-

lavras. Viveu neste exercício compulsivo de molhar a pena e escrever, neste movimento frenético a vida inteira. Era um génio: chegava a ter cinco livros ao mesmo tempo sobre a banca e passava de um para o outro, sem fazer emendas.”

Entre a verdade e a ficção, há muitas histórias de um jovem Camilo apaixonado, aventureiro, que casa cedo com Joaquina Pereira, de quem tem uma filha que morre aos cinco anos. Pouco antes de enviuvar, rapta Patrícia Emília de Vila Real para o Porto, de quem teve outra filha (Bernardina Amélia, que viveu até 1930). Quando era estudante de Medicina, “foi buscar um esqueleto para estudos médicos aos despojos mortais inumados de Maria do Adro, uma das suas amadas” (Lopes e Saraiva).

A impossibilidade da relação com Ana Plácido leva-o a uma crise existencial e refugia-se no seminário. Sem sucesso: não vai para padre. Tem dois filhos de Ana Plácido: Jorge, esquizofrénico, cujos desenhos de um traço límpido e brilhante estão nas paredes desta casa; e Nuno, estouvado e boémio, que o pai decide casar rico para o encaminhar na vida, “mediante um namoro epistolar e um rapto que o próprio Camilo agenciou”. E a cegueira, de origem sífilítica, começa a destruir o escritor.

“Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante quarenta anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego”, escreveu ao oftalmologista que o acompanhou nos momentos finais, antes de dar um tiro na cabeça, sentado na sua cadeira de baloiço, nesta mesma sala. Dia 1 de Junho de 1890: Ana Plácido acompanha o médico à saída, quando Camilo comete suicídio. Dia 2: no canapé se estendeu o seu corpo em câmara-ardente. Dia 3: os restos mortais são levados para o Cemitério da Lapa, no Porto. A fátida pistola está na Irmandade da Lapa.

“Deixa de poder ver, de poder escrever. O suicídio é-lhe muito familiar. Está ali, foi sempre a solução”, diz José Manuel Oliveira. Talvez por isso tenha escrito, ao filho: “Quanto a acácia do Jorge ainda outra vez inflora / Chamai-me, que eu de Abril nas auras voltarei.” Lá fora, a acácia continua a florir ano após ano, mantendo na terra o legado, sempre presente, de Camilo.

A série sobre as casas-museu é financiada no âmbito do projecto **Público Mais** publico.pt/publicomais

